Sedução e prazer no romance de José Saramago

Maria Lúza Rietzel Remédios*

Nos romances de José Saramago, não se pode entender sedução no sentido que hoje a sociedade rotula produções em que culmina a representação sexual. Pensar um texto em que predomine a sedução implica considerar a heterogeneidade de conceitos e situar-se num terreno em que o assunto é abordado a partir de determinados pontos de vista. Ao se procurar o significado da palavra sedução, observa-se que em todas as definições recolhidas, perpassa o mesmo sentido de encantamento, de atração, de fascínio que uma pessoa ou um objeto exerce sobre outra pessoa. Mas, rejeitando-se as definições proscritivas e pragmáticas e entendendo a relatividade cultural do conceito, considera-se sedução, em seu sentido subjacente, não só ligada ao erotismo, como também transgressão aos interditos culturais. A sedução, compreendida como fato cultural, apresenta-se como representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada.¹ Por vê-la, portanto, como erotismo e força que emana do homem, concorda-se, então, com Georges Bataille (1987), cuja posição conceptual dilata os limites do sentido do termo erotismo, levando-o a ser considerado como vertente cultural do homem e identificando-o à experiência interior; insere-o assim na cultura e situa-o como elemento diferenciador entre o homem e o animal. Revela, pois, o caráter singular dessa experiência, o qual pode ser considerado como uma modalidade epistêmica que possibilita ao sujeito vencer os limites do possível. Assim, enquanto vontade de rompimento dos limites socialmente ontológicos é que se situa, de modo geral, o desejo ontológico e, de modo particular, o desejo erótico.

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹ Antônio Jesus Durigan faz essas afirmativas referindo-se ao erótico, principalmente ao texto erótico. (1985)

Na sociedade ocidental, vive-se o momento não de identificação do erótico, mas de divulgação do sexo, por isso a liberação de certos preconceitos que abrem caminho para a percepção do sentido mais profundo que subjaz ao erotismo: uma das formas de emanção energética do ser. Sedução e erotismo encontram-se, no homem, na evidência dos seus contrários, na intersecção da sua humanidade com sua animalidade. Por causa disso é bastante difícil verbalizá-los: sua verbalização implica afirmações que podem negar-se entre si. Por consequência, na arte e na literatura, através da representação, é que se encontra o caminho epistêmico da experiência da sedução e do erotismo para além de si mesmos.

Os romances de José Saramago **Memorial do convento**² e **História do cerco de Lisboa**³ representam literariamente o erotismo e a sedução e, por isso, suas personagens atingem a percepção do extraordinário. Novo saber, inerente à experiência erótica, é apreendido tanto por Baltasar e Blimunda, como por Raimundo Silva e Maria Sara. Interessa observar que, ao iniciar a leitura, tanto de **Memorial do convento**, quanto de **História do cerco de Lisboa**, o leitor é situado num cenário e num tempo histórico bem delimitados: no primeiro romance, século XVIII, período do reinado de D. João V, o Magnânimo; no segundo romance, a contemporaneidade que remete ao século XII, período de domínio muçulmano, na Península Ibérica. Pode-se pensar, então, que os dois textos saramaguianos são romances históricos que pretendem relatar a história da construção do convento de Mafra, o primeiro, e a história do cerco de Lisboa, em 1147, o segundo. De fato, ocorre o aproveitamento desse contexto histórico real que se desdobra, *ab initio*, num outro caminho de aproveitamento da História que, segundo Carlos Reis (1986), consiste em trivializar as ações de figuras históricas.

Baltasar e Blimunda: a plenitude no encontro

A situação inicial do romance **Memorial do convento** apresenta a História revestida de elementos prosaicos, ou seja apresenta o rei e a rainha de uma forma bastante trivial. A relação conjugal dos reis, ou melhor, a obrigação real resume-se em dar um herdeiro à coroa. Não há entre D. João e D. Maria Ana amor, envolvimento, sedução ou erotismo. O rei vai ao quarto da rainha, confe-

² Saramago (1986). Todas as citações no corpo do texto serão retiradas dessa edição, sendo apenas indicadas as páginas.

³ Saramago (1989). Todas as citações no corpo do texto serão retiradas dessa edição, sendo indicadas apenas as páginas.

rindo a essa visita o caráter reprodutor. Deve-se levar em conta que, no século XVIII português, a questão da sexualidade era reprimida por regras constritivas construídas pela sociedade setecentista, como também pelas normas estabelecidas pela Igreja. Nessa época, o espaço do sexo foi absorvido pela família, pelo casal legítimo e pela função de reproduzir (Foucault, 1984). A relação sexual torna-se uma atividade não prazerosa, como a relação conjugal dos reis, apenas utilitária; na sexualidade, então, a esterilidade será punida. Esse o caráter de repressão que se encontra em **Memorial do convento**.

O relato é impulsionado, de início, por duas linhas de força: a primeira, a esterilidade de d. Maria Ana; a segunda, a promessa de construir um convento na vila de Mafra se ela engravidasse. Essas linhas, que servem para construir o ambiente místico-histórico do romance, também desenvolvem papel importante na construção das personagens que emergem na narrativa e vão-se tornando elementos fundamentais para sua compreensão: Blimunda, Baltasar, Sebastiana, Manuel Milho, Francisco Marques, Bartolomeu Lourenço, Scarlatti, etc.

Blimunda e Baltasar, desde o momento em que aparecem na narrativa, surgem como par antinômico àquele constituído pelo rei e pela rainha. Personagens marginais à História, porque não interagem na história real e porque também não agem em outro cenário, o da construção do convento, são transgressores, pois rompem com as regras que dirigem seu mundo, quer o social, quer o de trabalho; rompem, portanto, com o equilíbrio de suas vidas e procuram alcançar um novo tipo de saber.

Entende-se aqui por ato transgressor aquele que impulsiona o erotismo, implicando um novo tipo de saber, ou seja: o desenvolvimento de um processo que altera a relação eu/mundo, levando a personagem a romper com os limites de uma vida marcada pela mediocridade, pela solidão, pela anulação do potencial criador, pela descontinuidade existencial. Quando Baltasar e Blimunda reverterem a situação inicial instalada pelo prazer castrado e reprimido, marcado pelos interditos, que as relações entre o rei e a rainha revelam, eles [Baltasar e Blimunda] adquirem novo tipo de saber que os levará a atingir o prazer revelador. Enquanto o narrador apresenta o casal real, castrado, recorrendo para isso à linguagem paródica que transforma o rei em homem insensível e a rainha em débil e beata, Baltasar e Blimunda constituem um casal inteiro, que em tudo se completa, até mesmo nos nomes, pois o nome de Baltasar Sete-Sóis é circundado por Blimunda Sete-Luas, marcando “o sol e a lua, o dia e a noite de que são feitas todas as vidas; a clareza e o mistério que cada uma delas preside” (Saramago, 1996, p. 102). O discurso romanesco apresenta, pois, através dos dois casais – rei e rainha, Baltasar e Blimunda – “dois tipos de união, duas formas de encontro, destinos unidos por sapiência mágica ou exigência protocolar

e política, resultando daí a harmonia ou a frustração”. (Saramago, 1989, p. 83)

Se há, entretanto, “modos de juntar um homem e uma mulher” como diz o texto, revelando a diferença entre a simplicidade e a sinceridade da relação de Baltasar e Blimunda e a artificialidade do casamento real, também há modos no discurso narrativo de apontar a diferença entre as mulheres que constituem esses pares: D. Maria Ana, beata, envergonhada, cumprindo seu papel passivo na relação sexual e, quando em sonhos têm visões que excitam seu corpo, é atormentada pelo medo de pecar; Blimunda, livre, “sem pecados a confessar” (p. 88), realizando-se plenamente em sua relação sexual, sem culpas e sem remorsos. Se “os homens são anjos nascidos sem asas” (p. 137), Blimunda será o impulso para que Baltasar as faça crescer. Os seus olhos “claros de cinzento, ou verde, ou azul” (p. 55), seus espessos cabelos “cor de mel sombrio” (p. 89) seduzem Baltasar e entre eles ressalta o amor, a paixão, o gozo, a identidade, a complementaridade.

Baltasar e Blimunda opõem seus corpos “nus como suas mães os tinham parido”, à obrigação semanal para dar conta de um herdeiro. Não há preocupação por parte deles com a sua continuidade, interessa o prazer que os faz reencontrar a epifania, vencendo a obscuridade do cotidiano, o que os torna sujeitos de seus atos, a partir da transgressão. A integração perfeita entre Baltasar e Blimunda revela-se no decorrer dos anos de trabalho junto ao Padre Bartolomeu Lourenço na construção da “passarola”. Nesse tempo, aprendem a desenvolver capacidades anímicas essenciais à sua transformação. Não são mais o pedinte maneta ou a mulher com poderes estranhos e extraordinários, mística e fascinante, que vê “o que está dentro dos corpos” (p.79-80), mas seres que apresentam vontade de aprender e coragem para buscar o desconhecido. A convivência íntima com essa mulher que tem uma visão mais atilada e que consegue ver muito mais longe que os outros, faz com que Baltasar absorva a capacidade de *ver* e não de simplesmente de *olhar*. É com o auxílio dela que ele, com paciência, firmeza, intencionalidade, apesar de todas as adversidades, começa a desenvolver disciplina emocional, autodeterminação e autonomia.

Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas trabalharam junto com Bartolomeu Lourenço na construção do sonho quimérico do padre, mas, ao lado desse e de outras personagens marginais como Sebastiana Maria de Jesus, degradada para Angola em nome de um ideal religioso; Manuel Milho, contador de histórias de final sucessivamente adiado como se, dessa forma, se esquecesse da miséria da vida e adiasse a própria morte; Francisco Marques, que morre embaixo de uma pedra destinada à construção do convento, viabilizam a construção de uma nova História de Portugal, marginal à versão oficial. Baltasar e Blimunda não se apresentam como meras reproduções de personagens existen-

tes, eles *são* personagens, eles *vêm*, e por isso resgatam a História dos “pequenos”, chegando à sua transformação existencial e à plenitude do encontro.

Depois de nove anos a procurar por Baltasar, em todos os lugares, andando milhares de léguas, finalmente Blimunda encontrou-o nas fogueiras da Inquisição, junto aos acusados por “culpas de judaísmo” e com o homem que “fazia comédias de bonifrates e se chamava António José da Silva” (p. 357). E mais uma vez o fascínio e o encanto dessa mulher do povo submeteu a vontade de Baltasar que “não subiu para as estrelas”, porque “à terra pertencia e à Blimunda”. Transformados, porque romperam com muitas regras e revolucionaram, a seu modo, o mundo, escrevendo a “sua” história, realizam-se na plenitude do encontro.

Raimundo e Maria Sara: da transgressão à transformação existencial

Raimundo Silva não surge no início do romance **História do cerco de Lisboa** como seu herói indubitável. Tratado nos dois primeiros capítulos como “o revisor”, só no terceiro capítulo, quando começa a manifestar sua insatisfação com os fatos da História, é que passa a ser designado por seu nome e vai captando o interesse do leitor e tornando-se uma personagem “excepcionalmente interessante, como se pode constatar a partir do diálogo que leva a cabo com o historiador, autor do livro ‘que lhe cumpre rever’” (1996, p. 29). É do diálogo com o historiador que Raimundo Silva chega à constatação melancólica do “Que seria de nós se não fosse o *deleatur*” (p. 16) e que toma impulso o seu ato transgressor, responsável pelo rompimento do equilíbrio de sua vida. Esse ato, que consiste na decisão tomada de alterar o conteúdo do livro, também impulsiona o erotismo, por ser eminentemente transformador, pois o desenvolvimento da narrativa revela que a alteração do texto histórico reverteu a relação de Raimundo Silva (eu) com o mundo, levou-o a um novo tipo de saber e, também, ao prazer revelador.

Ao inserir o “Não” no texto do historiador, Raimundo Silva dessacralizou a verdade histórica, a verdade autoral; subverteu também todo o conjunto de regras que determinam o trabalho de um revisor, pois

um revisor é uma pessoa séria no seu trabalho, não é prestidigitador, respeita o que está estabelecido em gramáticas e prontuários, guia-se pelas regras e não as modifica, obedece a um código deontológico não escrito mas imperioso, é um conservador obrigado pelas conveniências a esconder as suas volup-tuosidades, dúvidas, se alguma vez as tem, guarda-as para si. (p. 49)

De forma consciente e deliberada, o revisor subverte o princípio da realidade responsável pelo ser organizado que o homem é, agindo em função da razão social, repressora das necessidades humanas instintivas. Ostensivamente, Raimundo Silva envereda por um percurso atribulado que o colocará em conflito com os seus superiores. Tendo assumido a responsabilidade da falta cometida, é julgado e condenado, só podendo continuar seu trabalho se supervisionado por uma mulher: Maria Sara. Mesmo assim, ele se abre aos primeiros gozos que sua transgressão lhe propicia, e o início de sua erotização, da transformação na relação eu-mundo em busca de novos referenciais, revela ainda o sentimento de segurança de quem conseguiu construir uma nova verdade histórica, de quem sabe da força das palavras e de quem tem consciência lingüística. Desse modo coloca abaixo os interditos todos e “desenvolve-se enquanto sujeito erótico capaz de ver, de reparar no mundo, de sentir a materialidade das coisas e transcendê-la, produzindo um novo significado para a vida”. (Valença, 1993)

Da transgressão, nasce, pois, uma nova condição existencial que é perspicazmente percebida por Maria Sara, a qual, em seu primeiro encontro com o revisor, no escritório da editora, afirma de maneira clara seu interesse ao dar a Raimundo Silva o único exemplar do texto histórico sem a errata e ao apresentar a proposta de que ele faça nova redação da História do Cerco em que o Não seja justificado. Não só esse encontro, como outros encontros com Maria Sara, fazem-no ver “o mundo que se esconde sob os interditos da racionalidade” (Valença, 1993, p. 104). Ela desempenha, pois, papel fundamental no desenvolvimento do processo de erotização, porque é ela quem lhe proporciona a paixão e a possibilidade de escrever o seu texto histórico.

Nos encontros com Maria Sara, desenvolve-se a satisfação do desejo erótico pelo exercício da sexualidade e as duas personagens verbalizam o amor e o desejo. Declarando que se encontra livre para a realização amorosa, Maria Sara possibilita ao revisor extravasar suas emoções. O ato sexual que se dá entre os amantes equivale à liberação e ao rompimento dos limites impostos pelos interditos, vencendo o medo e alcançando o prazer. Raimundo Silva, transgredindo, atinge o que está fora de si próprio, rompe com o cotidiano, com o habitual, para alcançar a emoção.

Pode-se, pois, afirmar que em **História do cerco de Lisboa** não se relata a história do cerco, mas o processo evolutivo de Raimundo Silva, que, da adulteração do texto histórico, transgride e, com o auxílio de Maria Sara, através do conhecimento erótico, alcança a transformação existencial. Pelos laços afetivos que se criam entre os dois, o romance é escrito e o descontínuo da vida dá lugar à continuidade, apontando para o sentido profundamente humano do erotismo e da sedução.

Os textos sedutores/eróticos de José Saramago

Os dois textos de José Saramago, acima analisados, revelam-se sedutores, pois, pela abordagem do tema do erotismo e da representação de sua grandeza através da transgressão e do conhecimento, apontam para a transformação existencial e apresentam-se como via plausível para a felicidade humana. Eles nos permitem alcançar o sentido profundamente humano do erotismo, porque satisfazem o desejo de saber.

A sedução que se arma nos dois textos saramaguianos vai além da abordagem do tema do erotismo, ela se constrói a partir da relação história e ficção, das estratégias narrativas, da construção de suas personagens, da linguagem usada. Assim, quando José Saramago recorre, em seus romances, à História, sua finalidade não é de aproveitar fielmente “os inabaláveis factos da História, mas, pelo contrário, de aproveitar acontecimentos e figuras que mesclados com a imaginação (re)criadora do autor, viabilizam a construção de uma História marginal à versão oficial” (Arnault, p. 58-59). Pode-se dizer que o “Não que Raimundo Silva enuncia na **História do cerco de Lisboa** não aparece no **Memorial** de forma explícita e directamente aplicado a um determinado acontecimento; aparece, antes, de forma velada, aplicado a todo o contexto histórico e aos seus protagonistas oficiais” (Arnault, p. 58-59). A história que José Saramago revela é a história de homens e mulheres do povo que também construíram Portugal, seja transgredindo normas determinadas ou interditos morais, éticos, religiosos.

Se os dois romances são construídos a partir da transgressão do código moral pelo herói e pela afirmação do erotismo, seu discurso é também transgressor, e, dessa forma, segundo Jean Baudrillard (1992), é sedutor. José Saramago objetiva seduzir o leitor e para isso recorre à linguagem adequada às diversas situações de comunicação, dando força a determinadas palavras, matizando-as com conteúdo ideológico e tornando [a linguagem] uma versão do mundo.

O jogo que as personagens criadas por José Saramago realizam, em que uma requer a presença da outra para ambas transgredirem, é o mesmo jogo que o autor-narrador estabelece com o leitor, exigindo a contribuição desse para concretização do prazer do texto. Conforme Roland Barthes (s/d.), o lugar mais erótico (do prazer) é aquele que fica entre duas margens, é a intermitência que é erótica, a encenação de um aparecimento-desaparecimento (Barthes, s/d., p. 47-48). A tmesé, fonte do prazer, que se estabelecia de uma forma tão perfeitamente descrita entre as personagens Baltasar e Blimunda, Raimundo e Maria Sara, no texto saramaguiano não se produz sobre a estrutura das linguagens,

“mas apenas no seu consumo” (Barthes, s/d., p. 46), fazendo vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e das suas recordações, e fazendo entrar em crise a relação do seu leitor com a linguagem.

O texto torna-se, então, um corpo de fruição composto por relações eróticas; ele se humaniza e como prazer do corpo humano está intimamente ligado à necessidade fisiológica, ele [o texto] segundo Barthes (s/d., p. 53), encontra-se irredutivelmente unido ao seu funcionamento gramatical (feno-textual). Dessa forma, o prazer causado pelo texto saramaguiano desnuda-se no momento em que se propõe a seguir as próprias idéias, a revelar sua ideologia, a jogar com o excepcional, a mostrar cultura, inteligência, ironia, arte de viver e assim assegurando a fruição e o prazer.

Referências bibliográficas

- ARNAUT, Ana Paula. **Memorial do convento**; história, ficção e ideologia. Coimbra: Fora do Texto, 1996.
- AULETTE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1964. [5 v.].
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa: 70, s/d. [Coleção Signos].
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas: Papyrus, 1992.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO LUSO-BRASILEIRO. Lello Universal. Porto: Lello & Irmão. s/d.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto, s/d.
- DURIGAN, Antônio Jesus. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985. [Princípios, 7].
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**. Paris: Gallimard, 1984 [3 v.].
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- REIS, Carlos. *Memorial do convento* ou A emergência da história. In: **Revista de Ciências Sociais**. n. 18/19/20. Fevereiro de 1986.
- SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. 16. ed. Lisboa: Caminho, 1986.
- SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- VALENÇA, Ana Maria. **O amor é o fim do cerco: o erotismo em História do cerco de Lisboa**, de José Saramago. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.